

Repensando a Exposição Mundial e a cidade de São Paulo; o produto e as suas implicações urbanas

Rethinking the World's Fair and the city of São Paulo; the product and its urban implications

Diana Catarino, Valéria Fialho (orientadora)
Centro Universitário Senac
Pós Graduação em Arquitetura Comercial
dianacatarino_7@msn.com , valeria.sfialho@sp.senac.br

Resumo. Apresentamos uma reflexão sobre a estratégia de implantação da Expo Mundial, partindo do entendimento do que representa segundo a entidade organizadora e o significado econômico, político e urbano que a transformou em um produto cobiçado pela cidade, em uma leitura conceptual e urbana do evento fundamentado na última Expo realizada, Milão (2015). O evento surge como uma oportunidade excepcional na percepção contemporânea de planejamento, para se fazer, ou não, cidade. A partir do estudo e da compreensão da crítica contemporânea a este evento, reconhecendo os elementos que pesam na escolha da localização, propomos a sua implantação no centro de São Paulo impulsionando a solução de problemas da cidade: o esvaziamento do centro, a escassez de habitação, a ocupação ilegal dos edifícios, através de uma estratégia de ocupação que, cirurgicamente, reconhece os problemas da cidade e adapta-se, resolvendo-a e revelando-a como única e genuína.

Palavras-chave: Expo Mundial, Milão 2015, São Paulo, moradia.

Abstract. We present a reflection about the implementation strategy of the World Expo, based on the understanding of what it represents according to the organizer and the economic, political and urban meaning that made it a product coveted by the city, in a conceptual and urban reading of the event based on the last Expo, Milan (2015). The event appears as an exceptional opportunity in the contemporary perception of planning, to make, or not, the city. From the study and understanding of contemporary criticism to this event, recognizing the elements that weigh in the choice of location, we propose its implantation in the center of São Paulo impelling the solution of problems of the city: the emptying of the center, the housing shortage, the illegal occupation of buildings, through an occupation strategy that, surgically, recognizes the problems of the city and adapts, resolving it and reveals it as unique and genuine.

Key words: World Fair, Milan 2015, São Paulo, housing.

Iniciação - Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística
Edição Temática em Comunicação, Arquitetura e Design
Vol. 8 Nº 4 – (Junho) de 2019, São Paulo: Centro Universitário Senac
ISSN 2179-474X

Portal da revista: <http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistainiciacao/>
E-mail: revistaic@sp.senac.br

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial-SemDerivações 4.0 Internacional 

1.Introdução

Para entender o produto "Expo Mundial", faremos um percurso histórico analisando a sua evolução urbana e conceptual compreendendo os propósitos e a sua estrutura urbana, com o objetivo de sustentar a proposta de implantação da Expo no centro histórico de São Paulo. A Expo Mundial é considerada o terceiro maior evento de impacto cultural e econômico internacional, sendo um evento de organização complexa, com tensões divergentes entre os atores que nela participam. É organizada pelo BIE (Bureau International des Expositions), desde o ano de 1931, formalizando um evento que aconteceu no ano de 1851, em Londres, que se notabilizou pela construção do pavilhão expositivo "Palácio de Cristal", com a intensão de juntar num mesmo lugar os avanços tecnológicos da época, impulsionado pelo sucesso de pequenas feiras locais.

O **BIE** apresenta atualmente a Expo Mundial como "um evento global que visa educar o público, partilhando a inovação, promovendo o progresso e promover a cooperação entre países" (BIE, 2016). **Paul Greenhalgh** considera que as razões para a realização das Exposições Mundiais são predominantemente econômicas e políticas. Sendo uma invenção moderna, as Expos demonstram o progresso material e a sua lógica pode ser encontrada na necessidade econômica e da coesão social, razão pela qual governos e setores privados investem nestes eventos até aos dias de hoje. Para o país que recebe o evento, este representa uma oportunidade urbana excepcional que aposta nos princípios de image making¹ e marketing globais, onde se pensa a cidade como uma empresa (que tem de dar lucro) e usa a arquitetura, com a sua capacidade de construção de paisagem com a intensão de chamar atenção para si mesma, se autopromover. A realização de uma Exposição Mundial é uma "ocasião" para se fazer, ou não, a cidade, é uma oportunidade para alavancar investimentos, num contemporâneo que vive "à espreita de investimentos ... para fazer negócio" (**Otília Arantes**, 2000). **Otília Arantes e Jacques Herzog** com uma visão preocupada com a qualidade de vida das cidades, alertam para o esvaziamento de significado destes eventos, onde a motivação é movimentar milhares de pessoas, vinculada à importância das questões econômicas, em detrimento de um questionamento e de uma proposta inovadora vivenciável pelos participantes e realmente educadora, papel que este evento representou ativamente, tendo uma história rica de construção de ícones e novos produtos que representaram a evolução da sociedade.

Terminada a Expo de Milão (2015), o arquiteto **Jacques Herzog**, parte integrante da equipa de planeamento da Expo, salienta o esvaziamento conceitual das Expos, que resulta em "feira de vaidade²" sendo edificada em louvor do "orgulho nacional" dos países representados. Esta situação se revela pobre face aos desafios atuais, onde representações antigas perderam o sentido quando a globalização quebrou fronteiras, ficando longe de concretizar os objetivos a que se propõe, devendo ser repensada em sua estrutura urbana e conceptual. Resposta mais complexa que a simples aplicação de um modelo pré-existente, de subdivisão de um novo espaço periférico carente de reabilitação, criando espaços que encontram dificuldades em se manter pós evento. Este é o desafio para os planeadores das próximas Expos.

Em São Paulo, cidade que apresentou a sua candidatura a sediar este evento para o ano 2020, existe uma carência de unidades de habitação, serviços, infraestruturas de transporte, saneamento. No centro histórico, em particular, se observa a deterioração dos edifícios ocasionado pelo seu abandono. Estamos perante um contrassenso em que por um lado existem cidadãos que não têm acesso à moradia, e por outro um número elevado de edifícios abandonados, em uma localização privilegiada como o centro histórico.

¹Conceitos apresentados pela Urbanista Otília Beatriz Arantes, no artigo "Uma estratégia Fatal, a cultura das novas gestões urbanas, compilado no livro "Cidade do pensamento Único.

²Expressão apresentada pelo Arquiteto Jacques Herzog em entrevista para a revista Uncube n.º 32, Putting an end into vanity fair

Face a esta realidade encaramos a Expo Mundial e o investimento a ela associado, como o incentivo e meio necessário para a alteração desta realidade. Fazemos um planejamento da ocupação/revitalização do centro histórico, através da reabilitação de seus edifícios devolutos para o recebimento das representações dos vários países, em substituição do pavilhão design. Propomos uma exposição na "cidade viva", na "cidade expositiva" e não mais na "cidade em espera". Através de retrofits de edifícios abandonados, que dialogam com os edifícios de importância histórica, serão devolvidos à cidade através da sua adequação a serviços públicos, museus, serviços públicos, habitação, melhorando o futuro da cidade existente. Praças, percursos, vazios, infraestruturas serão repensados e melhorados com construções temporárias tornando, por 6 meses, a cidade a própria exposição, o próprio cenário expositivo: valorizando a realidade e a sua singularidade, preconizando efetiva melhoria do espaço para o cidadão paulistano, com otimização de recursos disponíveis. Reaproximando a intensão do BIE de educação dos visitantes, apresentando a cidade na sua essência e singularidade.

2. A visão do BIE sobre o evento

O **BIE**, fundado no ano de 1931, com sede em Paris, é a organização internacional encarregada de supervisionar e regulamentar as Exposições Internacionais. A organização apresenta a Expo Internacional como "um evento global que visa educar o público compartilhando inovação, promovendo o progresso e a cooperação entre população, organizações e países" (BIE, 2016), organizado por um país anfitrião eleito através de concurso, onde participam organizações internacionais, o setor privado, a sociedade civil e o público. As Expos são um evento multifacetado, onde se expõe produtos, se realizam simultaneamente encontros diplomáticos, reuniões de negócios, debates políticos e espetáculos ao vivo.

São eventos únicos face à diversidade de público: de dirigentes a crianças. Aos países participantes é dada a possibilidade de fazer um espaço de exposição ou de construir um pavilhão para realização de oficinas, debates procurando soluções e o desenvolvimento de novos laços de cooperação. É um evento que combina entretenimento e educação, que oferece grande variedade de exposições programáticas e de espaços expositivos. O **BIE** considera o próprio espaço da Expo uma atração em si, que junto com exposições interativas garantem uma experiência inesquecível.

3.A visão crítica de Paul Greenhalgh

Paul Greenhalgh, diretor do Centro Sainsbury para as artes visuais, uma das principais instituições de pesquisa do Reino Unido para o estudo e exposição de arte visual, escreve para a revista *UnCube* n.º 32 "**Fair Trade**" com subtítulo "**The most affective peaceable way to ease war**" (**Paul Greenhalgh**, 2015) com tradução "o mais efetivo e pacífico modo de evitar a guerra". Neste artigo o autor faz uma leitura do "produto" Expo. Considera que nos últimos 150 anos, o sucesso ou o fracasso das Expos nunca teve relação direta e exclusiva com a cultura, a educação, a melhoria social, as artes, o planejamento urbano, ou da compreensão internacional (ao contrário das enunciadas). Para **Paul Greenhalgh** o sucesso das Expos se deve a aspectos econômicos, políticos e diplomáticos. Sendo uma invenção moderna, as Expos demonstram o progresso material e a sua lógica pode ser encontrada na necessidade econômica e da coesão social, razão pela qual os governos e setores privados investem nestes eventos de exacerbação nacional. No livro **Ephemeral Vistas** (1991) descreve a evolução histórica destes eventos, demonstrando como ganharam legitimidade como meio de expressão nacional, aumentando a sua importância, -inaugurada pelos britânicos em 1851, embelezada pelos franceses e agigantada em tamanho e investimentos por americanos-, e subsistido aos trechos mais traumáticos da história do mundo. A diplomacia presente nas exposições internacionais permitiu a continuidade destes eventos, até enquanto guerras eram travadas. A Exposição Universal de 1937 foi o exemplo de ideologias opostas se juntando com a aparente intensão de exibição pacífica. (Fig. 1)

Figura 1. O pavilhão nazista e o soviético frente a frente na Expo de 1937.



Fonte: Greenhalgh, Paulo. Ephemeral Vistas: The Expositions Universelles, Great Exhibitions and World's Fairs, 1851-1939, Manchester University, março de 1991

A mostra do produto, segundo **Izabel Amaral**³ (2009), sempre foi importante no contexto das Exposições Internacionais, uma vez que esta escolha apresenta um aspecto cultural, social e político que representa o país. Na primeira Exposição Internacional realizada no ano de 1851, em Londres, a mostra se encontrava no interior de um único pavilhão edificado para a feira (Palácio de Cristal). A ocupação do espaço de exposição dependia do material a expor, tratando-se de um planejamento de arquitetura de interiores (Fig. 2 e 3).

Figura 2. Interior do Palácio de Cristal, Joseph Paxton, 1851.



Fonte: Greenhalgh, Paulo. Ephemeral Vistas: The Expositions Universelles, Great Exhibitions and World's Fairs, 1851-1939, Manchester University, março de 1991

³Amaral, Izabel, **Pavilhões de exposições e concursos: lições a aprender**, disponível em <http://concursosdeprojeto.org>

Figura 3. Filadelfia, 1876, interior do Pavilhão.



Fonte: Greenhalgh, Paulo. Ephemeral Vistas: The Expositions Universelles, Great Exhibitions and World's Fairs, 1851-1939, Manchester University, março de 1991

Evolutivamente, através de planos urbanos propostos pela organização do evento, foi proporcionado aos países participantes a construção do próprio espaço de exposição, estratégia que foi consolidada na exposição de Barcelona de 1929. Neste momento o planejamento do espaço interior e exterior da Expo passou a ser preocupação para urbanistas e arquitetos, onde a comissão organizadora faz o masterplan e os países participantes edificam o próprio espaço expositivo. Esta alteração se refletiu na valorização do pavilhão expositivo que expressou a imagem de propaganda do país que representa. No ano de 1929 em Barcelona, o Arquiteto Mies van der Rohe, constrói o pavilhão que representa a Alemanha (fig.4), onde a arquitetura através dos seus espaços inovadores, dos seus acabamentos e do seu mobiliário se torna o tema da exposição, não existindo exposição de outros produtos no seu interior. Esta inovação da arquitetura, no modo de expor, trouxe a exaltação do produto "arquitetura como projeto" que se equipara à qualidade e inovação proposta por Gustave Eiffel na exposição de Paris de 1889, onde constrói uma torre que marca o território que até hoje é monumento da cidade e que permaneceu como a construção mais alta do mundo até 1930. Tratou-se de mostrar o desafio intelectual de projeto de arquitetura como raciocínio inteligente de manuseio das invenções tecnológicas, e não apenas o material/tecnológico.

Figura 3. Filadelfia, 1876, interior do Pavilhão.



Fonte: Greenhalgh, Paulo. Ephemeral Vistas: The Expositions Universelles, Great Exhibitions and World's Fairs, 1851-1939, Manchester University, março de 1991

Estas alterações levaram a arquitetura a desempenhar um papel de forte significância individual, também sendo representativos de uma cultura de ruptura, como no caso da exploração das possibilidades edificantes do ferro, na Torre Eiffel ou do vocabulário da arquitetura e Design Moderno, no pavilhão de Mies, mostras tecnológicas e revolucionárias de meios construtivos e de pensamento arquitetônico. No entanto, e apesar do sucesso dos exemplos que nomeamos, esta ênfase dada ao pavilhão acabou por incitar uma cultura contemporânea que **Jacques Herzog** irá denominar de "vaidosa" pois o pavilhão começa a valer por si só, pela sua espetacularidade em detrimento dos progressos intelectuais e inovações técnicas, que existiram na Torre Eiffel ou no Pavilhão de Mies, tornando-se cenografias espetaculares que pouco oferecem de educacional, sendo apenas mais uma peça de entretenimento e propaganda nacionalista, vazio de significado.

4.A exposição contemporânea – Jacques Herzog

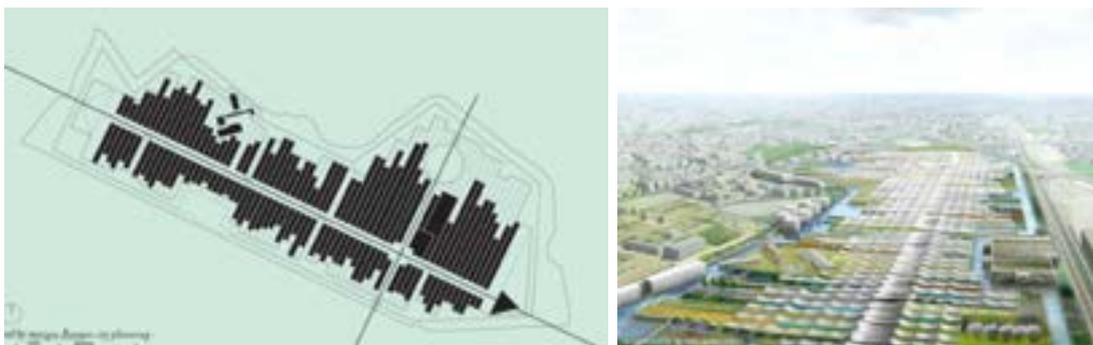
Éta perspectiva que **Herzog**, sócio do escritório suíço de arquitetura Herzog & de Meuron, prêmio Pritzker de Arquitetura no ano de 2001, em entrevista realizada por Florian Heilmeyer para a revista eletrônica Uncube n.º 32 com o título "**Putting an end to the Vanity Fair**", 2015, discute o masterplan para a Expo de Milão. Convidado a participar neste projeto juntamente com Stefano Boeri, Herzog & de Meuron, Willian McDonough e Ricky Burdett, o arquiteto no ano de 2011 abandonou o projeto por divergências conceptuais com a organização. A equipe desenvolveu o masterplan para a Expo de Milão realizando um questionamento integral dos padrões urbanos da Expo, considerando o conceito de World's Fair desatualizado, como um modelo que se vem repetindo, com pouca inovação, sendo vontade da equipa atualizá-lo para o séc. XXI. Referindo-se à última Expo de Shanghai (2010), menciona que ficou claro que o evento se tornou um show pensado para atrair um largo número de turistas, sendo uma área gigante ocupada por pavilhões enormes, cada um mais espetacular que o outro, com vastas áreas comerciais que a equipe considerou "um aborrecimento" pela falta de inovação conceitual e má utilização de investimentos e recursos que poderiam ser melhor aproveitados. Definiram que fariam uma proposta de implantação abandonando o tema de "monumentos de orgulho nacional individual" que consideraram que se tornaram as Expos a partir da 2ª metade do séc. XIX, tornando-as hoje, em obsoletas feiras de vaidades nacionais, esvaziadas de conteúdo informativo ou educacional, onde o conteúdo expositivo deve marcar a diferença entre os países, e não a dimensão do seu pavilhão, e salienta a importância da mensagem a ser comunicada. Este evento é uma oportunidade para inovar e salientar a importância do conteúdo expositivo, sendo essa a mensagem que realmente interessa conhecer no evento.

Para a estrutura urbana da Expo "Milão 2015" foi sugerido um forte e básico padrão urbano dividido em dois eixos (referência ao cardus e decomanus) numa malha ortogonal de lote estreito e de tamanho igual, onde cada país tem a mesma área de implantação, encorajando os participantes a adoptar um estilo expositivo de jardim/horta de agricultura (fig. 5 e 6), adequando o modo expositivo ao tema da Exposição: **Feeding the Planet, Energy for live**. Foi sugerida a construção de estruturas leves e humildes, enfatizando a presença do jardim/horta que deveria ser representativa e específica de cada região, todas reunidas sobre uma única cobertura uniforme. Apesar da proposta ter sido apoiada pela organização do evento, não obteve o mesmo apoio político. O arquiteto considera que não foi possível ultrapassar a tradição da edificação do pavilhão nos moldes convencionais pelos países. O plano, face à rejeição do seu conteúdo intelectual e expositivo sugerido, foi alterado sendo edificado o aspecto formal urbano em parte, perdendo as suas características reformadoras intelectuais. A cobertura única e uniforme foi reduzida ao principal eixo de circulação que **Herzog** considerou uma absurda alteração ao projeto do grupo, levando a outra "feira de vaidades" igual às do passado. Apesar do plano não ter sido executado conforme proposto, as questões colocadas podem vir a representar

⁴Herzog, Jacques, Putting an end into vanity fair, Revista Digital Uncube n.º 32, disponível em: <http://www.uncubemagazine.com>.

um novo modo de pensar a Expo Mundial, que poderá trazer alterações futuras. O autor considera esta proposta como uma inversão do sentido do cardume, que nada em uma direção oposta e que por isso encontrou resistência, ficando claro para muita gente que o tema da Expo necessita de uma apresentação diferenciada, receando que os visitantes voltarão a ser ofuscados e distraídos em vez de informados e que acima de tudo, temos de superar este sistema de orgulho nacional representada pelo design do pavilhão individual.

Figura 5. O desenho do masterplan original inspirado na antiga cidade romana, com os dois eixos principais e malha alongada regular. Imagens sugestivas da proposta de implantação da Feira, onde podemos verificar a implantação dos lotes longilíneos, conectados por uma cobertura uniforme e o recurso aos recursos naturais, particularmente ao elemento água.



Fonte: Revista Digital Uncube n.º 32, Putting an end into vanity fair.

Figura 6. Desenho do masterplan da Expo construído.



Fonte: <http://www.expo2015.org/>

Elvia Wilk⁵, considera o masterplan da Expo como um layout que deveria trazer de volta os conceitos originais de democracia e que foi revertido para se assemelhar a um shopping de mediocridade do capitalismo tardio. Em visita à Expo relata uma situação física adversa ao próprio tema da Expo: Feeding the Planet. Se depara com dificuldade de acesso à alimentação de qualidade. Considerou a Expo como “a global scale food-bonanza-consumefest” onde nada vale a pena comer, referindo-se à falta de sustentabilidade e de inovação introduzida neste tema. Esperando cheiros de comida confeccionada encontrou lanches pré-cozinhados a um preço muito elevado, onde era muito escassa a existência vegetal ou animal, o que valida o esperado por **Herzog**, que o espaço da Expo se afastou do seu tema. **Sharon Macdonald**⁶ sugere que uma das principais vocações da investigação sobre os

⁵Editora da revista on line UnKube, em artigo com o título Expo Milano: no critique necessary...or possible, 2015, disponível em <http://www.uncubemagazine.com>

⁶Sharon Macdonald, Professora de Antropologia Social da Universidade de Manchester e sobejamente conhecida como editora da obra “A Companion to Museum Studies” (2006)

museus e as práticas expositivas deve ser a de procurar desvendar e compreender o lado menos visível das exposições: os pressupostos, as lógicas, as opções, os compromissos, as contingências que conduzem ao resultado final dado a ver ao público. E é nesse ponto que o arquiteto **Jacques Herzog**, encontra o esvaziamento conceitual, que resulta na não concretização dos objetivos da Expo. A Exposição Mundial deve expor tópicos e problemas, apresentando diferentes maneiras de lidar com esses problemas em diferentes regiões do mundo. Considera que nestas circunstâncias a exposição seria entusiasmante para se visitar no dia da abertura.

No entanto, o arquiteto entende que estas alterações são pouco prováveis de se realizarem enquanto as Expos forem (maiores ou menores) sucessos econômicos, pelo menos para os produtores de Turismo. São eventos muito proveitosos, mas apenas para alguns, e um desastre financeiro para o país ou cidade que o sedia este evento que tende a ser realizado em países onde o sistema democrático não se encontra consolidado, se concretizando em espetáculos de propaganda para o regime político.

5.A candidatura de São Paulo para sediar a Expo Mundial

A partir dos anos 1990, quando o mercado domina o planejamento de cidades, a forte carga simbólica associada aos megaeventos veio constituir um ingrediente fundamental para a convergência entre a produção do evento e a produção do espaço urbano dentro dos marcos do modelo neoliberal. A adequação entre as políticas de atração dos megaeventos e as teorias e práticas urbanísticas voltadas para o mercado tem sido um assunto recorrente na literatura que trata dos estudos urbanos na contemporaneidade, seja do ponto de vista apologético, seja numa perspectiva crítica. Nesta direção, **Stavrides** (2008) defende a ideia de que os megaeventos esportivos criam condições para a existência de "cidades de emergência"⁷ e **Vainer** (2011) fala em "cidade de exceção". Aproveitando-se em geral de vazios urbanos, estas ocasiões são interpretadas como oportunidades para alavancar investimentos, num planejamento contemporâneo que vive "à espreita de ocasiões... para fazer negócio" (Otília Arantes, 2010). São Paulo fez a sua candidatura para sediar o evento para o ano de 2020. Defendendo a realização deste megaevento, o governo municipal considera que este permitirá o desenvolvimento sócio econômico da região. Além de um centro de convenções quatro vezes maior que o Anhembi, seria criado um parque municipal na área de preservação ambiental. Com localização proposta em área periférica da cidade, em Pirituba, num vazio urbano, localização correntemente proposta para este tipo de evento, é indiscutível a oportunidade urbana gerada por este evento e são alguns os casos bem-sucedidos de infraestrutura que beneficia a cidade, com a edificação de pavilhões emblemáticos, vitrine-mostruário da arquitetura de última geração. Fica evidente nesta candidatura a visão de "oportunidade" econômica para a realização de melhoramentos e alargamento da cidade.

⁷Texto de Nelga Gusmão, Cidade espetáculo, cidade de exceção, disponível em <http://www.observatoriodas-metropoles.net>

Figura 7. Implantação de Expo em Pirituba, região periférica de São Paulo. Através das imagens apresentadas na candidatura, vemos que o projeto se baseia na convencional implantação das Feiras, com os pavilhões a marcarem a imagem do território.



Fonte: <http://noticias.uol.com.br>

Nos últimos anos do séc. XX, metade da construção de moradias na cidade de São Paulo foi realizada na ilegalidade. Segundo o urbanista **João Whitaker** (2005), as grandes metrópoles brasileiras têm em média entre 40 a 50% de sua população vivendo na informalidade urbana, das quais de 15 a 20% em média moram em favelas. Somado às carências da habitação digna, serviços, infraestruturas de transporte e saneamento na cidade, no Centro Histórico, em particular, observa-se a deterioração dos edifícios existentes pelo abandono em grande escala. Trata-se majoritariamente de antigos prédios comerciais/corporativos que viram suas sedes se deslocarem para a zona sul da cidade (novo centro?) deixando edifícios devolutos em elevado grau de degradação. O Centro possuía no ano 2001, 40.000 imóveis abandonados só na região administrativa da Sé. Em 2000 foram identificados 200 edifícios residenciais, primeiros e famosos arranha-céus da cidade, totalmente vazios e abandonados. Estas estruturas vazias representam uma oportunidade para a valorização da cidade. Nesta proposta fazemos o aproveitamento desses espaços para a sua ocupação de espaços expositivos fazendo equivaler a oportunidade com o tema da exposição.

Considerando a complexidade e possibilidades a desenvolver nesta área, circunscrevemos a nossa intervenção aos municípios da Sé e República, onde tratamos também as vias de acesso e vazios estratégicos de ligação a outras áreas de interesse da cidade como a área denominada de triângulo Histórico, deixando o desenvolvimento do estudo dessas áreas para outra ocasião, não deixando de entender a Expo na totalidade criando espaços de conexão entre os percursos.

Como pressupostos de realização da Expo São Paulo, consideramos:

1 - Tema Proposto: "Não sou conduzido, Conduzo", (Non ducor duco). Neste tema recuperamos o lema da cidade de São Paulo. Ele representa a valorização das origens que identificam, diferenciam e que encontram afinidade entre os elementos naturais da natureza e os elementos artificiais, como a construção. Neste tema pretende-se encontrar respostas que saem dos temas das cidades globais, levando a exposição à cidade, proporcionando através de investimentos a sua reabilitação com visíveis melhorias para a cidade e para a sua população, propondo que a cidade realmente conduza, inovando, ao invés de ser conduzida;

2 - Duração - segundo as normativas do BIE, deve ser entre 06 e 09 meses;

3 - Datas previstas - de acordo com o determinado pelo BIE, a apresentação da Candidatura deve ser de 6 a 9 anos de antecedência à data de realização e uma vez que as candidaturas se fazem de 5 em 5 anos, propomos a realização da Expo de São Paulo no ano de 2025, considerando este ano (2016) o ano da apresentação da Candidatura. Propomos a sua realização pelo período de 06 meses, iniciando-se a 01 de junho, Inverno no hemisfério Sul, mas em período de férias de verão do Hemisfério Norte, o que poderá ocasionar a vinda de visitantes nas férias com término a 30 de novembro, já em época de primavera, prevendo nos últimos 3 meses ótimas condições climáticas para o passeio aberto do público;

4 - Apoio do Estado - o apoio do Estado a esta intervenção será efetuado através do apoio legal e através da cedência dos espaços edificados durante o período da Exposição. A exposição fomenta a valorização destes espaços e destes imóveis através do investimento que os próprios países irão realizar na infraestrutura existente para a realização da mostra de seus produtos. Trata-se de uma proposta que pretende ganhos nos dois lados: ao Estado, que recupera com investimentos externos edifícios devolutos, valorizando-os para possível venda/renda, e aos países que encontram uma estrutura pré-existente reaproveitável, com ótima localização na cidade, na qual precisam fazer remodelação de interiores e arranjos externos, usufruindo a estrutura externa pré-existente, diminuindo assim o custo da construção do pavilhão. Tratando-se da otimização dos recursos;

5 - Localização proposta - Podemos observar nas edições anteriores da realização das Expos, que a área em que ela se realiza leva em conta diversos fatores como a área disponível para o evento. Em Lisboa (1998) foi disponibilizada uma área de mais de 2 km² de solo público, Shangai contou com cerca de 5,20 km² e Milão (2015) com 1,0km². Como limite e identificação das áreas a serem utilizadas na Exposição foram tidas em conta os edifícios notáveis históricos ou com potencial de revitalização. Para essa identificação, foram equacionados os percursos turísticos existentes na cidade, produzidos pela Prefeitura que previamente tiveram em consideração a capacidade de caminhar do pedestre no centro da cidade. Para a área que determinamos estudar, delimitamos a Praça da República, o Largo de Paissandu, Praça Dom José Gaspar e Praça Ramos (Fig. 8);

Figura 8. Delimitação da área de estudo. Percurso da República e das suas respetivas conexões com o da Sé com as principais vias de comunicação e espaços de relevância.



Fonte: Imagem de acervo pessoal, elaborada com base em imagem do Google Earth

6 - Número de visitantes previstos: O BIE apresenta um gráfico onde se pode observar a variação do número de visitantes das feiras, desde 1851 a 2010. Nele observamos a forte tendência de crescimento deste número, que teve apenas uma interrupção na Expo de Sevilha, com 42 milhões de visitantes. Recentemente a Expo Milão com 21 milhões de visitas representa novamente uma quebra do número de visitantes, mas tendo superado as expectativas de 20 milhões de visitantes. No caso de São Paulo, face ao diferencial da proposta apresentada, e face à alta densidade de ocupação do espaço, já edificado, o número de visitantes esperado está estipulado de 15 milhões, de modo a garantir o controlo de acesso à Exposição, fazendo um sistema de revezamento dos seus visitantes, garantindo o bom funcionamento das infraestruturas existentes;

7 - Viabilidade Financeira - A viabilidade financeira desta proposta encontra-se assegurada face ao baixo custo que esta revitalização terá para o Estado uma vez que faz o aproveitamento de grande parte da infraestrutura urbana existente e usa o investimento dos participantes como incentivo à cedência dos espaços privados através das suas melhorias que valorizam o imóvel, favorecendo o seu uso futuro;

8 - Impacto ambiental da proposta - São Paulo é uma cidade conhecida pela fraca qualidade do ar, pelas dificuldades relativas ao abastecimento de água. Este é um dado para o qual o plano pretende trabalhar, usando nas suas remodelações sistemas tecnológicos de geração de energias alternativas, promovendo a permeabilidade do solo, incentivando os espaços verdes e a cultura urbana incentivando os cidadãos a novas práticas higiénicas.

No território que delimitámos, existe uma mistura entre edifícios património histórico, edifícios de ocupação irregular, Bibliotecas, Salas de Concertos, Teatros, edifícios Institucionais, praças, largos, comércios, habitações, escritórios, todo um conjunto de infraestruturas vivas integrantes da cidade.

Figura 9 - Bens tombados dos distritos Sé-República. Sobre fundo vermelho a área em estudo.



Fonte: Mapa elaborado pela Associação Viva o Centro com base nas informações cedidas pelos órgãos de Preservação do Patrimônio Histórico da cidade e do Estado de São Paulo, CONPESP e CONDEPHAAT.

Da análise dos edifícios existentes, deparamo-nos com 3 tipos de edificações:

- De carácter histórico, ex: Edifício Esther. Para os edifícios de carácter histórico, de interesse arquitetônico, propomos que seja permitida a sua visita, com divulgação do seu valor e importância para a história da cidade.

Figura 10. Edifício Esther é um prédio localizado na Praça da República, no centro de São Paulo, projetado pelos arquitetos Álvaro Vital Brazil (1909 - 1997), e Adhemar Marinho (1909) em 1936 e inaugurado em 1938. Primeiro prédio moderno da cidade, o edifício é um marco da Arquitetura moderna no Brasil e é considerado um dos mais conhecidos e importantes edifícios de São Paulo.



Fonte: acervo pessoal da autora

• De carácter ocupado irregularmente ex: Edifício Cine Marrocos. A estratégia de ocupação que propomos apoia-se na valorização do existente e na construção de melhorias e adaptações internas para a adoção de espaços de qualidade para a realização de exposições. Para os edifícios existentes, passíveis de recuperação e ajuste interior para a utilização como exposição, é proposta a identificação através de um elemento na fachada que o identifique como fazendo parte da exposição. Face ao entendimento que a aparência exterior deve estar relacionada com o projeto interior, sendo uma solução particular para cada projeto, não sugerimos tipologia de projeto, no entanto apresentamos uma solução de projeto que consideramos adequada uma vez que ela é uma interpretação levada ao exterior do que acontece no interior do edifício, produzida pela artista plástica Joana Vasconcelos, para a entrada de uma casa noturna em Lisboa, Lux Frágil. Nesta instalação a artista propõe um elemento para a entrada de um espaço que é entrelaçado, que sobre e desce, apertado e que dá acesso a amplos espaços, fazendo a alusão ao sistema digestivo, onde se entra e se faz um percurso pelo interior, pelos intestinos chegando às salas, que seriam os órgãos.

Figura 11. Edifício cine Marrocos. Lux entrada proposta pela Artista Plástica Joana Vasconcelos.



Fonte: Acervo pessoal e <http://media.iolnegocios.pt/>

• Vazio, ou com utilização temporária, passível de ocupação ou melhoria, ex: Praça da República. Para as áreas que funcionam com equipamentos temporários, como podemos observar na Praça da República, através da Feira de fim de semana ou no comércio ambulante existente na rua Dom José Gaspar, é proposta a manutenção do uso, com adição de equipamentos, fazendo a releitura das estruturas temporárias, adicionando qualidade espacial à atividade do comércio ambulante.

Figura 12. Foto aérea da praça da República



Fonte: <http://ipiu.org.br/>

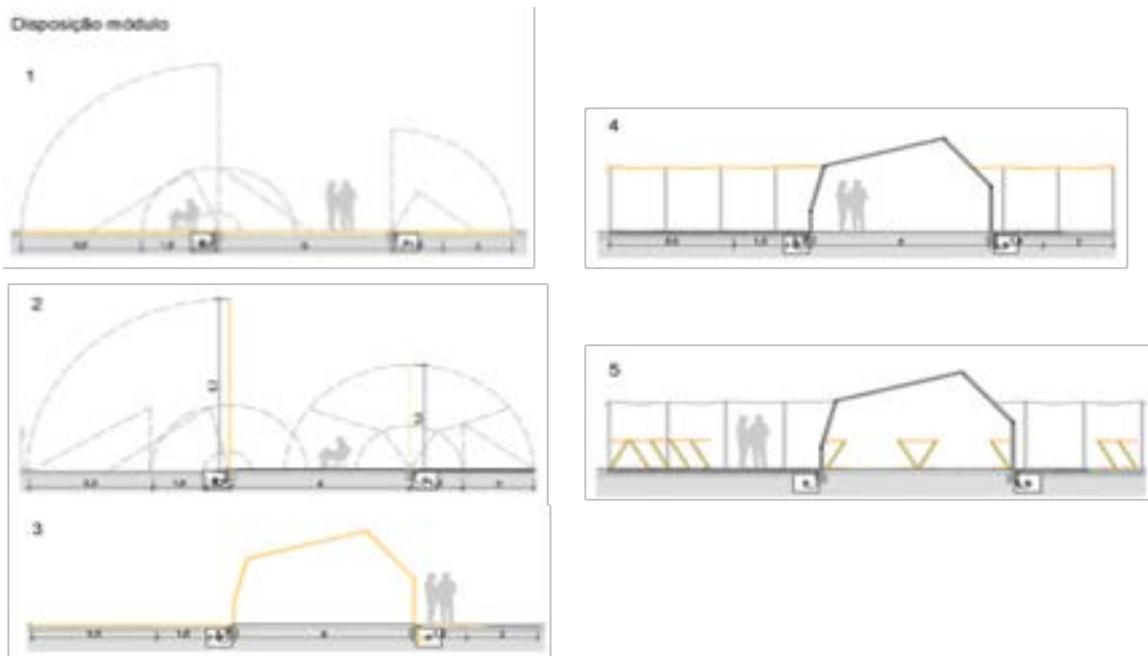
Em exemplo meramente demonstrativo, apresentamos uma alteração passível de ser instalada na Praça da República. Existe na Praça uma feira de fim de semana que tem a sua infraestrutura móvel desenvolvida através de toldos que ponderámos melhorar, dando caráter inovador e tecnológico oferecendo aos comerciantes melhores condições de mostra de produto e bem-estar. Inicialmente identificámos o percurso pré-existente da feira que aproveita o fluxo de pessoas para acesso ao Metrô da República. É proposta a colocação de infraestruturas móveis, gerenciadas mecanicamente e de forma digital, que nos dias de semana estão incrustadas no solo, dando oportunidade para usufruir a Praça da República. Aos fins de semana ou em dias de evento, estas estruturas se levantam do solo criando espaços adaptáveis a diversos fins, revelando as entranhas da cidade através da apresentação do azulejo português, remetendo às heranças portuguesas na cidade. A estrutura foi inspirada nas estruturas leves dos povos indígenas que usam os objetos (produtos) de um modo diferente do ocidental, tendo o mesmo objeto vários usos e foi sobre esta premissa ligada ao local que desenvolvemos o projeto, que usa o mesmo elemento conforme as necessidades e se adapta ao local.

Figura 13. Exemplos de estruturas indígenas, simples e eficazes, resistentes e sustentáveis



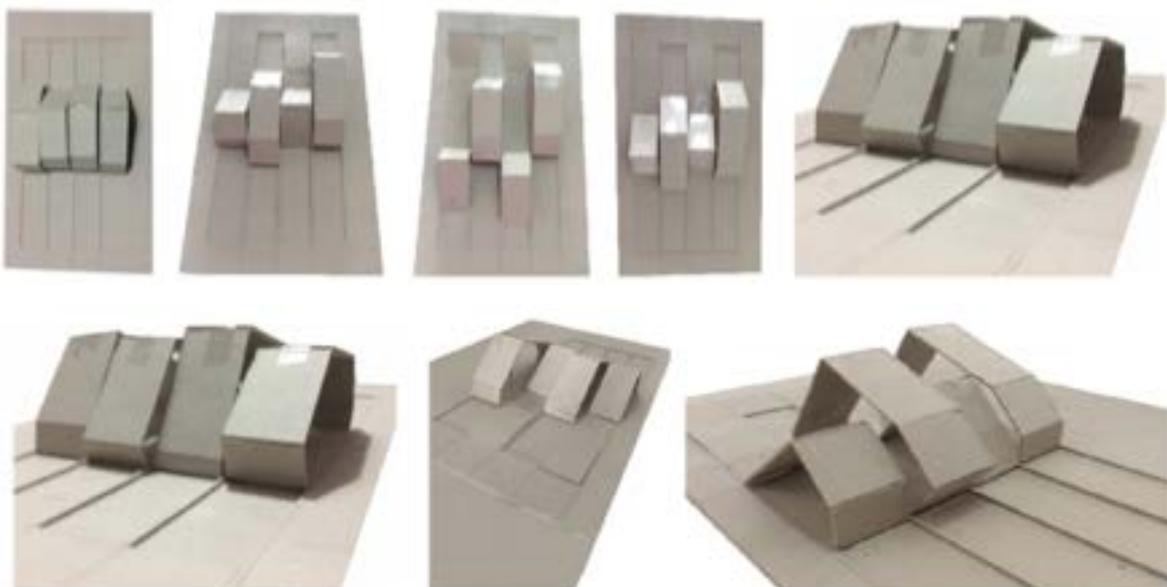
Fonte: Andrea Bandoni, Objetos da Floresta (2012)

Figura 14. 1 – Situação dos módulos fechados: o vazio. 2 - Levantamento dos módulos na vertical: parede. Pavimento dialoga entre a estrutura de concreto e o piso em calçada portuguesa. 3 - Fechamento dos módulos formando uma estrutura simples. Espaço externo com a colocação de deck de madeira, estrutura instalada no piso. 4 - Colocação de cobertura externa com um material leve: uma esteira. 5 - Mobiliário: modular com dimensão que permite a sua justaposição do espaço garantindo a variedade de disposição.



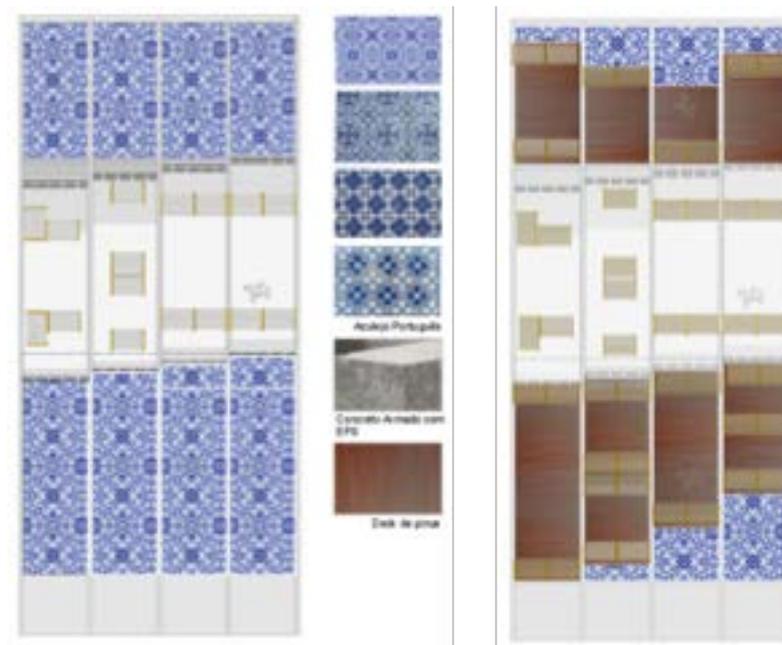
Fonte: Andrea Bandoni, Objetos da Floresta (2012)

Figura 15. Desdobramentos físicos da estrutura movida a rótulas programadas eletronicamente.



Fonte: acervo pessoal

Figura 16. Planta. Na sequência de imagens verificamos a maleabilidade da proposta, caracterizada por diferentes materiais e possibilidades de utilização, dentro e fora.



Fonte: acervo pessoal

A estrutura propõe a sua ausência nos dias de semana, não constituindo um obstáculo aos transeuntes. Nos dias de feira ou de outros eventos, que pela sua maleabilidade representa a possibilidade de vários usos e formas. Ao se levantar ela revela as suas raízes, como se tratando de arqueologia, mostrando os azulejos portugueses. Em uma relação dentro e fora, ela permite a mostra de produtos de forma confortável e adaptável.

Imagem 17. Fotomontagem da implantação das estruturas na Praça da República.



Fonte: acervo pessoal

6. CONCLUSÃO

O trabalho apresentado parte da perspectiva que a arquitetura comercial contribui para a ambientação da cidade, na convicção que ela não se encontra circunscrita ao interior dos edifícios comerciais, corporativos ou lojas. É entendida como arquitetura capaz de criar um vocabulário próprio aliado ao marketing e à comunicação para apresentar produtos, fazendo parte da paisagem urbana. A arquitetura comercial encontra no evento da Expo Mundial uma ocasião para se fazer valer, e o modo como ela exerce essa capacidade foi questionado neste trabalho. Como moradora do centro da cidade, uma relação amor-ódio pela cidade é vivenciada diariamente. Amor pela arquitetura, pela história, pela topografia, pela diversidade, ódio pela extrema precariedade dos equipamentos, pela solidão que enfrentamos, pelas condições em que (não) habitam. No centro são várias as manifestações existentes, dos movimentos de ocupação que dão uso aos numerosos edifícios devolutos do centro, ao pagode das segundas, às feirinhas de fim de semana, às baladas de todos os dias. Abandonado pela especulação imobiliária, que se transferiu para a zona sul da cidade, foi deixado "em espera" de uma oportunidade com a força de a transformar. Essa "espera" vê na força política e social da Expo Mundial a possibilidade de revitalização do espaço, em oposição da construção de algo completamente novo, fora da cidade. O arquiteto suíço Herzog, para a última Expo de Milão traz o questionamento contemporâneo do papel da arquitetura e do planejamento urbano na Expo, questionamento mais que oportuno e que procurámos explorar neste trabalho. Por quê edificar uma cidade "à parte", distante, quando existe uma cidade "em espera", já edificada, aguardando novos usos, novas utilidades?

Pretendemos através da vontade política de reafirmação da cidade de São Paulo como uma cidade Global, que esta força indique o caminho de uma visão minuciosa para a Expo, onde a própria cidade se mostra como local expositivo, como sendo parte da história edificada, que se valoriza e se mostra única, ao contrário da uniformidade comercial e individual. Para concretizar a nossa proposta foi escolhido um trecho do centro histórico que consideramos representativo das dificuldades que existem ao se intervir nestas áreas. Foram identificadas oportunidades que foram trabalhadas e desenvolvidas: a ausência de infraestrutura que pode ser construída, os usos que podem ser alterados, respeitando a hierarquia pré-existente na cidade. Este estudo garante um pós-Expo que altera o espaço da cidade, que lhe confere condições para a sua viabilização econômica para que evolua se apoiando nas infraestruturas para que volte a ser um lugar atrativo para os particulares, moradores e visitantes. Com a possibilidade de intervenção no interior dos edifícios existentes devolutos para a implantação temporária das exposições dos vários países, os próprios países financiam a reestruturação do espaço para a transformação em seu espaço de exposição. Nas áreas exteriores, será papel do Estado e do Município fazer as melhorias que carecem. Propomos alterações que funcionem durante o período da feira e que no pós feira prevaleçam, funcionando este evento como uma alavanca para a atualização dos espaços do centro da cidade às necessidades atuais, da cidade de parâmetros globais que necessita de estrutura tecnológica, digital, acessibilidade e justiça social para assegurar a sua competitividade e atratividade das empresas multinacionais, se tornando um local convidativo ao capital, garantindo o seu elevado grau de interesse e garantindo a sua afirmação como evento educacional.

Referências:

Amaral, Izabel, **Pavilhões de exposições e concursos: lições a aprender**, disponível em <http://concursosdeprojeto.org>.

Arantes, Otília, MARICATO Ermínia, VAINER Carlos. **A cidade do pensamento único**. Petrópolis: editora Vozes, 2000.

BIES, **What is an Expo**, disponível em: <http://www.bie-paris.org>. Acessado em 19/09/2015 .

Lima, Zeuler. **Cidades globais em São Paulo: urbanização sem urbanismo?** Ar-quitextos, Abril 2005, disponível em <http://www.vitruvius.com.br>, consultado em 23/11/2015.

Ferreira, João Sette Whitaker, **A cidade para poucos: breve história de propriedade urbana no Brasil**, artigo para publicação no livro editado pela comissão Brasileira de Justiça e Paz, (no prelo), São Paulo, 2005, retirado do website da FAUUSP. P.1

Greenhalgh, Paulo. **Ephemeral Vistas: The Expositions Universelles, Great Exhibitions and World's Fairs**, 1851-1939, Manchester University, março de 1991

Herzog, Jacques, **Putting an end into vanity fair**, Revista Digital Uncube n.º 32, disponível em: <http://www.uncubemagazine.com>, consultado a 20/11/2015

Ferreira, João Sette Whitaker; **O mito da cidade global**, tese de doutorado apresentada à FAUUSP, 2003; Fix, Mariana; São Paulo: Cidade global; São Paulo: Boitempo, 2007

Fialho, Valéria Cássia dos Santos. **Arquitetura, texto e imagem**. São Paulo 2007. F438a. Tese (Doutorado – Área de Concentração – Projeto de Arquitetura) FAUUSP.